

claustrofóbico



P3 - projeto *O BAIRRO*

OBJETIVO E CONCEITO

O objetivo deste trabalho é fazer aqueles que não conhecem o bairro de Campo de Ourique, experimentarem-no, vivenciar o que é ser e sentir-se parte de lá. Propomo-nos encontrar de que matéria é feita o bairro: as vontades e sensações, não propriamente o espaço enquanto lugar mas enquanto bairro feito da matéria de que são feitas as pessoas. Queremos que neste espaço se sintam claustrofobicamente confortáveis, sem sufocar. Aos de Campo de Ourique é um espelho, um reflexo, um confronto com a realidade. Um choque.

É um bairro auto-suficiente, e virado para dentro de si mesmo. Esta é a ideia que nos foi transmitida ao longo dos últimos meses de trabalho no bairro, não só pela nossa estadia, mas principalmente pelo que nos foi transmitido pelos habitantes. Com isto quer-se dizer que há de tudo do bairro, e estes, os habitantes, não precisam de sair deste espaço para adquirir os seus bens primários e secundários, ou sequer para passear, partilhar vida e ir ao café. Campo de Ourique oferece uma panóplia de atividades e comércio, que possibilita que cada pessoa consiga viver só naquele espaço - e é isso que muitos deles fazem, principalmente aqueles que são os de idade mais avançada. Com as afirmações “*NUNCA*” e “*SÓ SE FOSSE DOIDO*” quando se pergunta se alguma vez sairiam daqui, com as nossas observações e informações recolhidas, entendemos que neste bairro, há uma espécie de barreira invisível que o separa dos bairros circundantes, que os habitantes não têm necessidade de atravessar, e por isso, mantêm-se confortavelmente restringidos no seu espaço ao longo dos dias. O nosso conceito para este objecto parte então deste aspeto tão característico que é, a das vidas que se prendem dentro do mesmo espaço. Em fragmentos de tempo, em rotinas e ciclos viciosos.

O objecto que propomos parte da ideia de um bairro que é claustrofobicamente agradável. O nosso objetivo é ratar esta ideia de claustrofobia que está diretamente ligada com o espaço em que os residentes se fecham - o bairro, e que ao mesmo tempo, isto acontece pois este lugar onde se fecham é de tal modo agradável que não os perturba não saírem daqui. Estão “orgulhosamente sós” na sua comodidade.

OBJETO / COMO FUNCIONA?

Irá tratar-se de um microcosmos de Campo de Ourique no formato de um cubo.

Partindo do conceito de uma claustrofobia confortável, este objeto é representativo deste sentimento/modo de vida, onde é possível entrar e permanecer confortavelmente, tal e qual o bairro.

Por isso, este é um espaço mais apertado, onde pretendemos que ao fim de um tempo, o espectador/visitante/participante se aperceba desta claustrofobia provocada. Objecto de tamanho grande colocado ao lado do lago no Jardim da Parada. Um cubo com um banco lá dentro. Todas as faces escuras. Uma projecção de dentro da água da fonte, no teto, ininterrupta. No centro um banco

confortável, no exterior, o mesmo banco, simétrico, virado para uma das faces do cubo (sem porta), onde está a ser projectado. O som da água a cair acompanhado dos ponteiros de um relógio atrasado (a cada 3 segundos, bate 1). Dela sabe-se da existência pelo som do tic tac do relógio afundado na fonte, demonstrador do tempo de uma outra realidade que não a nossa.

O material do cubo encontra-se em discussão (uma estrutura metalizada?) condicionado pelo que possamos encontrar, tal como o seu tamanho, no entanto não será maior que 3m por 3m.

Dentro do cubo existirão projeções que transportem a pessoa para o coração do bairro. O espaço terá um aspeto apetecível ao ponto do espectador se questionar “fico ou não fico?”, entrar em dilema, não saber se escolhe o real, o espaço que considera aberto ou se aceita o claustrofóbico.

A projeção: apenas uma. Está no teto ou envolve as seis faces? Ou apenas duas: o teto e o chão. A do teto numa perspetiva de baixo para cima, e no chão de cima para baixo. O espectador encontra-se entre e dentro. Dentro da fonte, submerso.

Mergulhamos, no seu sentido literal e simbólico-metafórico. Literalmente invade o lago do jardim (espaço simbólico do bairro, o ponto de encontro) e metaforicamente mergulha nas profundezas do nosso bairro, compreendendo o tempo de mergulho dentro do lago enquanto uma vida no bairro.

A saída do lago nunca chega a acontecer. Afunda-se nas águas. Imerge no nosso bairro. Aprofunda-lo. Não quer ou quer sair daqui?

INTERVENIENTES

Este objeto é feito para ser experienciado de pessoas, sobre pessoas, por pessoas. O objeto não é nada sem o seu espectador, assim como o bairro não é nada sem os seus moradores. O bairro é o espelho da alma de quem o habita. Quem são, como vivem, o que sonham, onde pertencem os 76 de Campo de Ourique? O que os une e os separa?

Sendo este um objecto sobre o bairro, é necessariamente para o bairro. É na tentativa de tocar nesta condição, de ser residente de Campo de Ourique, e de lá não querer sair. E é para estes, os residentes de Campo de Ourique que este projeto se lança. O interveniente será aquele que, perante a presença do cubo no jardim, é levado a procurar nele uma resposta, e encontra a sua entrada. Posteriormente, se estabelece confortavelmente dentro deste micro-ambiente, e observa a água que cai, em que se envolve na projeção do tecto, ao mesmo tempo que se situa ao lado da água que cai no lago do jardim (nos repuxos). A intenção é que este interveniente observe as projeções, e se sintam bem, mas ao mesmo tempo, que tome algum desconforto no facto de estar fechado num cubo, enquanto está no espaço de um jardim. (toma-se a metáfora bairro-cubo, jardim-cidade).